PARA QUE OS MORTOS NÃO MORRAM: RASTROS E RETORNOS EM "PAREDE DA MEMÓRIA" DE ROSANA PAULINO

Vinicius dos Santos Moreira (FA), Adriana Barin de Azevedo (Orientador), Vanessa Seves Deister de Sousa (Coorientador). E-mail: abazevedo@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Psicologia e Artes Plásticas.

Palavras-chave: Ancestralidade; Memória; Suplemento Biográfico

RESUMO

O presente estudo tem caráter interdisciplinar por estabelecer uma relação entre psicologia e arte, partindo da instalação "Parede da Memória" (1994-2015) realizada pela artista plástica brasileira Rosana Paulino (1967). O objetivo principal da pesquisa é estabelecer um diálogo entre a instalação e o conceito de suplemento biográfico proposto por Vinciane Despret em "Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam" (2023). Como objetivos específicos, buscamos investigar o processo criativo da obra de Paulino, apresentar a noção de suplemento biográfico, analisar a presença dos mortos na instalação e problematizar a produção de subjetividades contemporâneas atravessadas pela ancestralidade. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, sendo dividida em quatro etapas: (1) levantamento de entrevistas e obras de Paulino entre 1994 e 2015, para compreensão de seu processo criativo; (2) análise bibliográfica de Vinciane Despret, com foco no conceito de suplemento biográfico; (3) articulação de conceitos, buscando evidenciar como os mortos são reinscritos na materialidade da obra. Ao nos deixarmos instruir pela poética de Rosana Paulino, vislumbramos como "Parede da Memória" pode suplementar biografias, transformando a memória em gesto político e convocando os vivos a uma relação ativa e ética com seus ancestrais, sendo possível uma produção de subjetividade negra outra.

INTRODUÇÃO

Rosana Paulino, nascida em 1967, é uma artista e pesquisadora brasileira cuja produção é marcada pela investigação da memória, da ancestralidade e das experiências da população negra. Sua prática artística articula diferentes linguagens, como fotografia, costura, gravura e colagem, construindo narrativas que tensionam formas hegemônicas de arte e visualidade. Nesse sentido, sua produção se insere em um movimento de ruptura com dispositivos estéticos e coloniais que historicamente contribuíram para o apagamento de corpos e histórias negras (Seligmann-Silva, 2020).

Entre suas obras, destaca-se “Parede da Memória” (1994–2015), instalação composta por 1500 objetos-patuás confeccionados a partir de fotografias de familiares da artista. As imagens são costuradas individualmente, organizando e produzindo uma presença coletiva e volumosa. Como afirma Paulino, a multiplicidade dos rostos constitui uma presença que não pode ser ignorada, conferindo à obra uma dimensão política de afirmação e visibilidade (Paulino, s.d.).

A partir dessa obra, buscou-se compreender de que maneira a “Parede da Memória” articula memória, ancestralidade e continuidade das existências negras. Para tanto, estabelece-se um diálogo com a noção de suplemento biográfico, proposta por Vinciane Despret, entendida como possibilidade de prolongamento das vidas dos mortos por meio das ações e narrativas produzidas pelos vivos (Despret, 2023). Também se considera uma outra noção de temporalidade, onde: passado, presente e futuro não se organizam necessariamente de forma linear, mas podem ser continuamente reatualizados pela memória, pelos gestos e pelas práticas culturais (Sodré, 2017). Assim, “Parede da memória”, de Paulino, é tomada como lugar para investigar como a arte pode operar enquanto espaço de rememoração, continuidade e reinscrição de histórias ancestrais.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e exploratória, de caráter interdisciplinar, centrada na análise da instalação “Parede da Memória” (1994–2015), de Rosana Paulino, em diálogo com o conceito de suplemento biográfico proposto por Vinciane Despret. A opção metodológica compreende a pesquisa qualitativa como um processo aberto, sem formas pré-determinadas, permitindo que o pesquisador seja afetado/instruído pelo objeto e acompanhe novas dimensões do problema ao longo da investigação (Pezzato; Botazzo; L’abbate, 2019). A abordagem interdisciplinar, por sua vez, possibilitou articular contribuições da arte, da psicologia e da filosofia que abordam as questões de memória, ancestralidade e presença dos mortos.

A investigação desenvolveu-se a partir do levantamento de entrevistas, obras e materiais relacionados à trajetória de Rosana Paulino, com atenção especial às produções realizadas entre 1994 e 2015 e ao processo criativo de “Parede da Memória”. Em seguida, foram estudadas referências bibliográficas de Vinciane Despret, especialmente a noção de suplemento biográfico, buscando compreender outras formas de relação entre vivos e mortos. A partir desse percurso, a instalação foi analisada em articulação com os referenciais levantados, buscando compreender como seus elementos materiais, afetivos e simbólicos produzem relações entre memória, ancestralidade e continuidade das existências.

Durante o processo investigativo, o Diário de Pesquisa foi utilizado como dispositivo metodológico (Pezzato; Botazzo; L’abbate, 2019), registrando percepções, afetos, tensões, questões e referências que emergiram ao longo da pesquisa. O material reunido e produzido durante esse percurso foi posteriormente reorganizado na elaboração de um jogo da memória textual, como um dispositivo de

experimentação que contribuísse para a consolidação das reflexões sobre a produção de subjetividades contemporâneas atravessadas pela ancestralidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ser instruído pela “Parede da Memória” (Figura 1) permite compreender a instalação como uma produção de continuidade entre aqueles que partiram e aqueles que permanecem. Os retratos, retirados de um arquivo familiar e reorganizados pela artista, deixam de funcionar exclusivamente como registros de um passado individual e passam a produzir novas relações no presente. Ao serem reunidas e transformadas em uma composição coletiva, essas imagens fazem com que vidas particulares ultrapassem os limites de suas próprias biografias, permanecendo atuantes por meio das relações que estabelecem com aqueles que as observam e as reinscrevem na memória (Seligmann-Silva, 2020).



Figura 1 – “Parede da Memória”, 1994 - 2015. Instalação com dimensões e materiais variados. Técnica Mista. Local: Pinacoteca – São Paulo. 2019

Essa dinâmica aproxima-se do conceito de suplemento biográfico proposto por Vinciane Despret (2023). Para a autora, a relação com os mortos não se encerra com a morte, uma vez que aqueles que permanecem podem continuar produzindo narrativas, gestos e acontecimentos capazes de prolongar e transformar as histórias daqueles que partiram. O morto, nesse sentido, não ocupa uma posição exclusivamente retrospectiva: sua existência pode continuar produzindo efeitos no presente. A obra, portanto, não apenas conserva uma memória, mas participa ativamente da produção de novas biografias possíveis.

A noção de suplemento biográfico permite ainda deslocar a compreensão da ancestralidade como uma herança estática. Os ancestrais aparecem como presenças capazes de interferir na experiência daqueles que permanecem. A memória, nesse caso, não opera como simples recuperação de algo perdido; ela constitui uma prática de atualização. Ao entrar em contato com os rastros deixados pelos mortos, o presente é também transformado, produzindo novas formas de relação com aquilo que foi herdado. A instalação evidencia, assim, que lembrar pode significar produzir continuidade, fazendo com que uma existência ultrapasse o momento de sua morte e permaneça aberta a novas interpretações.

Essa continuidade nos permite pensar em produções de subjetividades atravessadas pela ancestralidade. Se os mortos continuam produzindo efeitos sobre os vivos, a relação com eles participa da constituição daqueles que os evocam. O sujeito não se forma, portanto, de maneira isolada ou exclusivamente a partir de sua experiência individual, mas também através dos vínculos, rastros e histórias que o antecedem. Desse modo, “Parede da Memória” apresenta a ancestralidade como uma dimensão ativa da subjetivação: ao reinscrever os mortos no presente, a obra também produz condições para que os vivos reconheçam a si mesmos a partir de histórias que lhes são anteriores, mas que continuam em movimento.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa evidenciou uma leitura possível entre a obra “Parede da Memória”, de Rosana Paulino, e o conceito de suplemento biográfico de Vinciane Despret. Tal diálogo nos permite compreender que os mortos não permanecem apenas como lembranças de um passado encerrado, mas continuam a produzir efeitos e narrativas entre aqueles que ficam. A ancestralidade, atravessada pelos rastros, imagens e vínculos inscritos na obra, revela-se também, para além de uma herança fixa, mas como uma presença que se atualiza e participa da produção de subjetividades no presente. Nesse movimento, Paulino não apenas recupera memórias interrompidas: ela cria condições para que essas existências continuem a produzir sentidos. Afinal, lembrar os mortos também é reconhecer que suas vidas transcendem a finalidade biológica de onde terminam seus corpos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as professoras orientadoras e a Fundação Araucária pelo financiamento que possibilitou a produção dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

DESPRET, V. **Um brinde aos mortos**: histórias daqueles que ficam. São Paulo: n-1, 2023.

PAULINO, R. Obras. Rosana Paulino - site oficial. s.d. Disponível em: https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5. Acesso em: 1 dez. 2025.

SELIGMANN-SILVA, M.. Rosana Paulino: a arte como resistência aos apagamentos da violência colonial. **Crisol**, série numérique, n. 21, 2020.

PEZZATO, L. M.; BOTAZZO, C.; L’ABBATE, S.. O diário como dispositivo em pesquisa multicêntrica. **Saúde Soc**. São Paulo, v.28, n.3, p.296-308, 2019.